

Dom Giovanni
Dono de barraca

A imagem, o instinto e a prosa do criador que se realiza e se confunde com a própria criação

Era uma vez um criador cujas criações se confundiam com a própria criatura, numa simbiose tão intensa que não há sentido imaginar um sem o outro. A relação entre eles é tão íntima que o todo criado quase não pode ser dividido. Quem me dera um tão vasto vocabulário capaz de descrever a essência perceptível de um homem cuja forma de ver as coisas ao seu redor o torna um personagem com trabalho e vida especialmente singulares. Se a realidade não está na imagem em si, como dizem os semióticos, Giovanni Costa Cavalcante, ou Dom Giovanni, nos mostra que ela, definitivamente, está na forma como a vemos.

Dom Giovanni é um ser de espírito leve, que já trilhou muita estrada na vida até chegar aos 66 anos, muitos deles, quiçá todos, vividos com muito bom humor. E foi essa leveza e alegria que nos levaram a ele e à barraca de praia Energia Erótica. Quem o conhece hoje não consegue vê-lo sem a barraca. Da mesma forma, quem conhece a barraca não consegue vê-la sem Dom Giovanni.

A Energia Erótica é justamente o que diz Dom Giovanni: "A molecagem organizada do Estado do Ceará". Tal molecagem é criação espontânea desse inovador que resolveu, sabiamente, transformar a vida em uma boa brincadeira. O "Xerife da Praia, que Prende, Embriaga e Solta", talvez, só não saiba como dar um jeito na morte, pois, no mais, tudo se transforma nas mãos dele. Para entender as minúcias que constroem a personalidade de Dom Giovanni, é preciso enxergar além do que está diante dos olhos. É preciso perceber a criatividade e a inteligência por trás do homem comum. A simplicidade, em um mundo tomado pelo exagero, pode passar despercebida, pode não receber o devido valor. Dom Giovanni é um revolucionário da imaginação que tenta justamente fazer o contrário.

Existem uma criatividade e uma inteligência legítimas em Dom Giovanni. A fala rápida, animada e quase decorada ao apresentar aos visitantes a criação, prova que ele não se cansa de exibir com orgulho aquela que é a grande vitória e paixão: a barraca. Repete quantas vezes a vida ainda permitir que: "Isso aqui é uma barraca 'in-

rustificada' na retórica do absurdo". Não é preciso compreender cada palavra proferida e cada objeto apresentado na Energia Erótica. Não entender também faz parte de Dom Giovanni. Ele é imagético, instintivo e prosaico.

A discrição, a vestimenta simples – com propaganda de patrocinadores –, a pele já marcada pelo sol, o semblante um pouco cansado de quem já tanto percorreu a estrada da vida, tudo isso, em vários momentos, Dom Giovanni contrasta com o colorido e amontoado de objetos da barraca. Verdadeiramente, a Energia Erótica é a forma de exteriorizar o mundo cheio de graça que, por algum motivo, o olhar, o sorriso e os gestos de Dom Giovanni não consigam exprimir. Ela é o eu lírico desse artista apresentado ao mundo real. O Xerife da Praia não se contenta em usar a criatividade somente em recriar um objeto físico. Ele cria nomes, inventa histórias, brincadeiras e ainda arranja uma utilidade para a inutilidade daquilo que inventou.

Esse italiano importado do Icó é um ícone do bom humor cearense! Daqueles que a vida não presenteia com dois. Os elogios recebidos na barraca de diversos visitantes dos mais diferentes estilos, e até mesmo nacionalidades, não dão conta da profundidade de um homem que, com um olhar pacato e uma fala rápida, reinventa-se em cada nova reinvenção das representações do mundo. Não é todo dia que encontramos um Dom com título de Xerife. Isso é coisa de cearense criativo. Coisa de Dom Xerife Giovanni. Entre muitos aspectos e detalhes, Dom Xerife parece continuamente seguir investindo numa missão própria: ser legítimo no que faz para fazê-lo sempre feliz.

Ficha Técnica

Equipe de Produção:

Alan Barros
Juscelino Filho

Texto de abertura:

Jéssica Welma

Participação:

Alan Barros
Aline Conde
Fernando Wisse
Gabriela Alencar
Ingrid Matela
Jéssica Colaço
Jéssica Welma
Juscelino Filho
Vandecy Dourado
Yohanna Pinheiro

Fotos:

Thamires Oliveira



Entrevista com Dom Giovanni feita no dia 07 de junho de 2012.

Alan – O senhor trabalhou durante muito tempo como vendedor, foi também diretor de futebol do Fortaleza (*Esporte Clube*) e cuida da Barraca Energia Erótica, na praia do Barro Preto desde 1993. Como foi que o senhor chegou a essa praia?

Dom Giovanni – Eu cheguei a essa praia porque eu tinha um irmão chamado Carlos Mandacaru. Ele era bancário do Banco do Brasil. Ele era corretor de imóvel, paralelamente. E essa praia não tinha ninguém, era uma praia que não tinha acesso, não tinha portabilidade de nada. Não tinha energia na barraca, na praia. Não tinha infraestrutura de nada. E como não tinha energia, o dono desse lugar, que a barraca tá mais ou menos do jeito que era, chamava-se Nildo. E o Nildo gelava a comida dele, com gelo, e me fez uma proposta: "Giovanni, deixa eu botar um freezer na sua casa que eu pago a sua energia". (*Eu disse:*) "Está certo." (*Nildo:*) "E nos fins de semana você tem um peixe, aqui". Eu vinha todo fim de semana, comia aquele peixe, ficava aqui na praia, ia muito no mangue, pegar siri, guaiamun, caranguejo, que tinha pouco na época. Então esse meu irmão disse: "Meu irmão, está vendo aquela casa ali? Aquela casa está sendo terminada e vão vender aquela casa. E é uma casa que é a sua cara". Eu disse: "Pois veja quanto é que o cara quer na casa". Daí o cara falou que queria R\$ 40 mil (*ele fala reais, tentando lembrar a moeda da época*). Eu tinha uma vacaria, lá na Serra do Félix. Eu tenho essa fazenda ainda. A fazenda Nova Luz. São 304 hectares, a área. E eu criava gado lá. E eu cheguei a ter vaca de 40 litros de leite, vindo da Argentina, de avião. Porque eu ganhava muito dinheiro na minha condição de vendedor, porque eu trabalhei para três companhias americanas: Dupont do Brasil S/A, Polidoro S/A Tintas e Vernizes e Sherwin Williams do Brasil, que cobre o mundo. Eu vendi esse gado e comprei a casa. Um dia eu estava sentado naquela mesa (*aponta para uma mesa mais distante do local da entrevista*), quando eu ouvi um barulho de briga vindo de um casal: "Você é um corno!", "Você é uma puta!" E aquilo me desagradava, porque eu não sei ver nada

de violência. Eu chamei o Nildo: "Que coisa é essa, rapaz?". Ele disse: "Rapaz, eu não aguento mais essa minha situação. Estou louco para acontecer de uma pessoa comprar isso aqui, eu dou a metade do dinheiro a ela e a outra metade eu vou gastar por aí afora, cuidar da minha vida". "Quanto é que tu quer na barraca?" (*Dom Giovanni pergunta*). Ele disse que queria 100, 80, disse um valor, lá. Eu disse: "Pois faça o seguinte. Você faz a minha despesa aqui, inclui a barraca na conta que eu vou fazer um cheque só". Daí lá vem ele com a conta e com a barraca inclusa. Eu peguei, olhei, pensei: "Já que eu disse isso a ele...Eu disse na brincadeira!" Peguei o cheque, preenchi, dei para ele e comprei a barraca. "Você me entrega isso quando?". Ele disse que amanhã. Quando foi no outro dia, eu não ia mais a Fortaleza, mandei minha mulher e eu fiquei aqui para botar as coisas para fora. Era barata, era rato, era muita coisa, mas tinha muita mercadoria. O dinheiro que eu paguei, a mercadoria pagava, empatava, nivelava em geral. Eu comprei praticamente a barraca. Eu comecei a fazer essas brincadeiras (*os enfeites e decoração na barraca*). Foi dando certo, foram falando. Vinham essas televisões locais até vir o Domingo do Faustão, que aí detonou. Depois do Faustão, emplacou.

Alan – (*interrompendo...*) Já, já, Dom Giovanni, a gente vai falar sobre a presença da mídia, aqui na barraca. Mas antes eu queria perguntar ao senhor: por que essa decisão de comprar a barraca?

Dom Giovanni – Rapaz, eu sou uma pessoa irresponsável. Porque, por exemplo, eu estou pensando em fazer uma coisa, de uma hora para outra me dá aquele estalo e eu faço. Quando eu fiz a barraca, que eu notei que tinha tudo para se tornar o que ela se tornou. Porque eu não estou aqui preocupado com esse negócio de presença de público. Por isso que eu sou financiado pela Prefeitura Municipal de Aquiraz, pela Vodka Slova, pela (*aguardente*) Ypióca, pela Bateria Heliar, pela (*cachaça*) Sapupara, que me dá uma coisa além do que eu tenho de outras rendas. Eu tenho uma igreja, eu tenho uma

Antes de criar a Energia Erótica, Dom Giovanni passou um período como diretor de futebol do Fortaleza Esporte Clube. Ele ocupou a função de 1973 a 1981.

No primeiro contato com Dom Giovanni, ele pediu que a entrevista acontecesse em Barro Preto. Ele explicou que não tinha a mesma importância quando a imagem dele era dissociada da Energia Erótica. Daniel tem uma boa relação. Valéria teve mais dois filhos: Mateus, hoje com quinze anos, e Varna, de oito.

Quando perguntado sobre qual seria a melhor data, ele respondeu: "Qualquer dia, viu? Não tem problema, porque eu sou vagabundo mesmo. Minha obrigação é só beber cachaça".



academia, eu tenho casa em Cascavel alugada (*município da Região Metropolitana de Fortaleza*). E a minha despesa é pouca porque eu sou biviúvo. (*A partir daqui, Dom Giovanni se desvia da pergunta e começa a falar sobre a relação dele com a atual namorada, Vera Lúcia Façanha de Araújo*).

Aline – (*interrompendo...*) Como era a barraca quando o senhor chegou?

Dom Giovanni – Era isso aqui. Só que ela ia mais longe. De tanto eu pendurar as coisas, ela caiu num dia de sábado para domingo.

Juscelino – (*interrompendo...*) Foi esse espaço que caiu? O teto?

Dom Giovanni – Isso. Caiu. Eu diminuí (*a barraca*). Passei a botar coisas mais leves. Porque tudo aqui tem uma história. Se tiver ventando muito e isso aqui balança, fica tudinho fazendo uma zoadá só. (*ele mexe nos penduricalhos presos ao teto, feitos de ostras e conchas, e eles fazem o característico barulho*). Eu chamo Orquestra Sinfônica do Oceano Atlântico.

Vandecy – Qual era o nome da barraca, antes, o senhor lembra?

Dom Giovanni – Eu me lembro. Era Barraca do Nildo. Esse é Ironildo (*refere-se à estabelecimento ao lado*). Foi só eu comprar a barraca que ele mudou (*para*): O Nildo.

Jéssica Welma – Quando o senhor comprou a barraca, qual era o seu plano? Já era de incrementá-la com os objetos, ganhar dinheiro? O que o senhor esperava?

Dom Giovanni – Não, não. Eu esperava deixar acontecer. E eu colocava aquilo que eu sempre tive na minha vida. Criatividade. Não tem nada que eu não dê jeito. Talvez só a morte. Não tem nada que eu não dê um jeito. Não tem nada, não existe nada. E eu tenho uma coisa que eu não sei se é boa ou ruim. Se eu olhar para você, eu vejo você com uma outra visão, de uma outra maneira, e isso vai valendo porque vai desenvolvendo o que eu desenvolvo aqui. Por exemplo, eu botei um mictório ali, de cabeça para baixo,

e por conta desse mictório que eu botei de cabeça para baixo, a revista *Veja*, sucursal de Porto Alegre, disse o seguinte... O nome do cara é Hélio Eudoro. Hoje ele está em Toronto, no Canadá. Ele é diretor de uma estação de televisão. (*Volta ao texto da revista:*) "O artista Dom Giovanni tem a lucidez que faltou ao Bispo do Rosário, o humor que não tem Krajcberg e a espontaneidade que não tinha Duchamp. A Barra Energia Erótica é um dos principais monumentos da arte popular e contemporânea brasileira." O que foi que eu quis dizer com esse mictório que eu botei de cabeça para baixo? Depois vocês vão ver porque tem uma imagem. Um mictório normal, nessa posição, é mictório. Mas, quando eu virei, ele foi transformado em um capacete de um centurião romano. É mesmo que você está vendo o capacete. Por isso que ele disse: "A espontaneidade que não tinha Duchamp". Eu não sabia quem era Duchamp, eu fui pesquisar e hoje eu sei. Sei quem é Duchamp (*artista francês que ficou conhecido por ser o criador da técnica "ready made" - utilização de um elemento do cotidiano como obra de arte*), sei quem é o Bispo do Rosário (*artista plástico brasileiro que produzia a partir de objetos retirados do lixo*) e sei quem é Krajcberg (*Frans Krajcberg é outro artista plástico. Nascido na Polônia e naturalizado brasileiro, ele ganhou projeção principalmente pelas esculturas construídas à base de madeiras calcinadas*). Quando as pessoas veem Barraca Energia Erótica, muita gente pensa que vai chegar aqui e vai encontrar mulher nua, homem nu. Já aconteceu muito. Inclusive, um general do Exército, que eu fui pedir um favor a ele, para mandar uns soldados do Exército para um evento que ia ter aqui, de uma jangada. Lá eles ficaram todos perfilados, porque sabiam quem eu era. Mas, quando foi no domingo, veio ele (*o general*), a mulher e duas filhas. Ficaram naquela barraca (*aponta para outro local*). Eu notei que ele deixou as duas filhas dele e a mulher e veio ver que barraca eróti-

Para a pré-entrevista, fica o agradecimento à família da Jéssica Colaço, que, à exceção da irmã, porque não tinha mais vaga no carro, foi prestigiar a Energia Erótica no habitat natural.

ca era essa. Quando chegou aqui, eu estava fazendo essa apresentação que eu fiz para vocês agora (*refere-se a uma espécie de tour que faz para a barraca às pessoas*). Eu disse: "Olha, infelizmente, tem muita gente que não tem o senso. São mobralescos, são aculturados, de não saber o que é Energia Erótica". Eu estava dizendo para ele, mas eu estava olhando para cá (*Dom Giovanni explica que evitava olhar para ele*). "Energia Erótica é uma energia positiva que atrai os opostos para a formatação da família. Quem bota permissividade sexual na cabeça são aquelas pessoas mal conduzidas sexualmente." Eles se entreolharam. E atingiu. O que eu queria era atingir.

Jéssica Colaço – Por que o senhor escolheu o nome Energia Erótica?

Dom Giovanni – Porque aqui eu coloquei uma Energia Eólica. Eu ainda tenho ali o gerador. Energia Eólica. Eu botei Barraca Eólica. Como eu sou um cara ligado à mídia, ligado a marcas, ligado a vendas, eu achei que eu podia avançar. Já que era Eólica, eu podia botar Erótica, que mexe mais com o pensar do indivíduo.

Juscelino – E por que o senhor decidiu fazer uma barraca que se diferenciava das demais?

Dom Giovanni – É porque, na verdade, um casamento se desfaz até pela monotonia do ato sexual. Você pode ver que, com o passar do tempo, não há inovação, não há nenhuma criatividade, e em outros casos lá, (*alguns casais*) permanecem casados até hoje, sem precisar nem de sexo. Mas o sexo não pode ser só um papai com mamãe não. Ele tem de passar por várias vertentes, as palavras têm de ser mudadas e tudo isso mais. No caranguejo, tem o Nildo do Caranguejo, Agamenon do Caranguejo, Moacir do Caranguejo, Dedé do Caranguejo, Chiquinho do Caranguejo, Francisquinho do Caranguejo. Em todo canto tem. Se você sair daqui pro Aracati (*município cearense a 160 km de Fortaleza*) tem um Chico do Caranguejo lá perto do Fortim (*município cearense próximo à Aracati*).

Alan – Então o senhor queria fugir do comum?

Dom Giovanni – Do convencional. E consegui, porque eu sempre fui uma pessoa que fugiu do convencional. No dia em que (*foi entrevistado por essa*) Karine Mitre (*apresentadora de televisão e cantora de forró*), ela disse: "Até que enfim eu encontrei uma pessoa para falar mais do que eu. A propósito, eu vou fazer uma pergunta que eu quero que você seja o mais franco possível e pode dizer qualquer absurdo. Do que mais você gosta na sua vida?" Eu aproveitei para dizer que

o que eu mais gosto na minha vida é de eu e farinha. Ela botou a mão na boca, porque estava sendo gravado. E eu tive a sensação na hora de que ela achou que estava sendo ao vivo. Eu teria desgraçado o programa dela. Mas eu sabia o que eu estava dizendo. Ela disse assim: "Você com tanta inteligência, por que você não disfarçou ou disse de maneira diferente?". Eu disse: "Minha filha, para dizer a verdade, eu disfarcei o mais que ninguém pode disfarçar, porque eu não gosto nem um pouco de farinha" (*risos*).

Jéssica Colaço – Quando o senhor criou a barraca com essa proposta de colocar esses elementos mais culturais, como é que foi a reação dos outros barraqueiros?

Aline – (*acrescenta...*) Na época, havia outras barracas?

Dom Giovanni – Havia sim. Todas essas barracas continuam aí. Ainda hoje. Já me mataram umas dez vezes. Um dia eu encontrei um capitão da Polícia Militar, lá na Mesesjana (*bairro de Fortaleza*). Ele ia saindo do prédio que ele morava e eu ia entrando num lugar que vende peixe. Ele olhou para mim e (*gritou*): "Giovanni!". Eu respondi e ele disse: "Rapaz, eu não acredito, não". "Em quê?" (*Dom Giovanni responde*). Ele chamou a mulher dele. Ele explicou: "Rapaz, é que eu estava numa blitz lá em Maranguape (*município pertinho de Fortaleza*), um cara num Opala Preto disse: 'rapaz, eu estou muito cansado, muito magoado, porque eu estou vindo do enterro de um amigo meu lá do Iguape, Dom Giovanni, da Barraca Energia Erótica'. Eu disse: 'Como é, rapaz? Giovanni morreu?'. Ele (*o capitão da PM*) telefonou para mulher dele, lamentando o fato e depois de três, quatro ou cinco meses ele me encontrou de novo.

Alan – Todas essas pessoas (*que inventavam boatos sobre sua morte*) eram donas de outras barracas?

Dom Giovanni – Donos dessas barracas e

"Eu sou uma pessoa irresponsável. Porque, por exemplo, eu estou pensando em fazer uma coisa. De uma hora para outra me dá aquele estalo e eu faço""

Ainda na pré-entrevista, a produção ficou preocupada com o dia da entrevista em si, pois muitas pessoas, amigas do Dom Giovanni, chegavam para conversar com o Xerife e acabavam atrapalhando a gravação.

Quando ligamos para confirmar o dia da entrevista, Dom Giovanni mal esperou Juscelino se identificar novamente como aluno da UFC e já foi colocando em prova sua memória de elefante: "Ah, o Alan me ligou! Entrevista dia 7 de junho, não é?".

Dois dias antes da entrevista, Juscelino ligou para Dom Giovanni, para confirmar novamente, a data. O telefone chamou várias vezes e, somente no quarto tento, Maria Tereza atendeu. O relógio marcava 21h. Dom Giovanni já estava dormindo.

de uma atividade aqui que eles chamam de "atacante". Atacante é um cara que tem uma bicicleta. *(Quando)* Vem chegando um carro de turista, eles vão na bicicleta, param o carro, dizem o que tem na praia, que vão levar para lugar tal, lugar tal, lugar tal. E quando o cara *(o turista)* dizia que vinha para cá, eles falavam que não era aberto, que o calçamento não prestava... Dizia que a praia era para cá *(um sentido)*, mas na verdade a praia era para lá *(outro sentido)*.

Vandecy Dourado – Isso, desde sempre, ou só depois que *(a barraca)* começou a ficar famosa?

Dom Giovanni – Sempre. *(Mas)* Não têm como conseguir estratégia de nada, em função de que meu trabalho é mais na internet, colocado pelas pessoas que fazem as matérias aqui. Já chegou a ter 2 milhões, 820 mil acessos a cada 17 segundos, *(quando)* você puxa no Google ou no YouTube. É lógico que isso aí é sazonal. Quando acontece um fato extraordinário, isso sobe mais. Quando não, desce mais.

Alan – Dom Giovanni, e os moradores, à época, também tinham essa rejeição em relação à barraca ou eles elogiavam o trabalho do senhor?

Dom Giovanni – Rapaz, eu não sei dizer, porque eu sou muito desatrelado a esse negócio aí. É como saiu numa matéria: "O homem de 66 anos de idade sai todos os dias para farrear". Todo dia eu pego meu carro, resolvo uns negócios do jornal, que eu também escrevo para jornal *(Tribuna do Litoral)*, vou na Prefeitura *(de Aquiraz)*, bato papo com as minhas colegas lá, e tal, e tal, e tal, mas nunca teve, aqui, uma animosidade. Eu sinto que por trás, eles falam muito bem. Por exemplo, quando chegam lá no Pirambu *(bairro de Fortaleza)*, perguntam: "Ah, você é lá do Barro Preto, onde tem aquela barraca cheia de putaria?" Eles se sentem importan-

"Eu colocava aquilo que eu sempre tive na minha vida. Criatividade. Não tem nada que eu não dê jeito. Talvez só a morte. Não tem nada que eu não dê um jeito"

No dia da entrevista, a família Colaço marcou presença novamente. Seu Manassés, o pai, e Lorenna, a irmã, apreciaram a bela paisagem enquanto a entrevista era feita. Já são quase clientes vips da Energia Erótica.

tes por conta disso.

Jéssica Welma – E Dom Giovanni, como o senhor descreve a Barraca Energia Erótica?

Dom Giovanni – Minha filha, eu descrevo como uma molecagem organizada do Estado do Ceará. Não tem termo mais preciso para descrever. É a molecagem organizada do Estado do Ceará. Está toda organizada aqui.

Juscelino – E como foi que surgiu a ideia de começar a recriar todos esses objetos?

Dom Giovanni – As coisas fluem normalmente comigo. Eu não corro atrás da criação. A criação acontece. Seja com palavras, seja com apelidos, porque eu boto muitos apelidos nas pessoas. E os apelidos que eu boto, além de eles acharem bem humorados, as pessoas riem. Eu fui casado com uma juíza federal, chamada doutora Maria Tereza Sam paio Leite...

Alan – *(interrompendo...)* Dom Giovanni, só antes de falar sobre isso, como é esse surgimento natural que o senhor fala?

Dom Giovanni – Eu olho para esse objeto aqui. Sinto que ele teria outra função, em outra posição, que eu poderia colocar outra coisa. Eu vejo essa garrafinha aqui e acho que poderia ter outra aqui atrás, porque tem muita gente que bebe do lado direito e aí todo mundo ia botar a boca no mesmo lugar. Tudo isso tem sentido.

Vandecy – O senhor já chegou a colecionar alguma coisa quando criança?

Dom Giovanni – Não, só figurinha de jogador de futebol. Tinha uma revista, mais ou menos em 1954, que a gente comprava a bala e vinha um retrato dentro. Eu me lembro. Tinha o Zinho, um dos maiores jogadores que já teve no Brasil. Era o mais difícil. Jogou no Flamengo, jogou no São Paulo...

Juscelino – Mas esse tipo de material da barraca, não?

Dom Giovanni – Não. Esses aqui *(os objetos da barraca)* têm de ser uma coisa atípica, que não tenha nenhuma substanciação de ser aproveitado em qualquer outro ambiente.

Yohanna – Como é que o senhor coleta esses materiais?

Dom Giovanni – Se eu for ali, no carro, e tiver um sofá, uma cama, por exemplo. Ali na frente, na entrada *(da barraca)* são duas camas. Estavam jogadas fora. Você não pega uma televisão que não presta mais e joga fora? Não vem o reciclador e pega? Eu sou esse reciclador. Pode ser o que for. Tudo tem uma função. Se eu chegar em algum lugar, não tem perigo de eu não voltar de lá com alguma coisa que, aqui, eu transforme. Nem que passe tempo. Esse caso daquela tabela de aferição *(trata-se de uma peça da barraca)*. É um pedaço de madeira com vários furos

seguidos de diferentes diâmetros, em ordem crescente, feito para 'aferição' do tamanho do pênis), fazia quatro anos que eu tinha e não servia de nada. De uma hora para outra, eu aproveitei e fiz aquilo.

Gabriela – E o senhor cria uma historinha para cada coisa, não é?

Dom Giovanni – É, mas em cima da lógica.

Gabriela – De onde que o senhor tira inspiração para criar uma historinha para cada objeto desse?

Dom Giovanni – Na minha vida, eu nunca tive dissabor com nada. Sou um vitorioso dessa parte. Eu sempre fui brincalhão. Gostava de tirar sarro (*gíria para tirar brincadeira, fazer gozação*) com as pessoas. Uma vez eu vinha de Natal - eu trabalhava em Natal -, a cada 60 dias eu ia para lá, eu percebi, na volta, que o motorista era muito mal humorado. Tudo ele explodia com as pessoas de lá. (*Uma vez*) eu fiz que estava dormindo e eu ficava puxando (*o sinal*) para parar o carro. Eu fiz ele parar umas seis ou sete vezes até Mossoró (*cidade de Rio Grande do Norte*). Rapaz, mas era engraçado demais. Sabe uma das pessoas que eu mais admiro? O Mução (*personagem criado pelo radialista e humorista Rodrigo Vieira Emerenciano*). Eu ouço o programa do Mução, eu compro a mesma fita dez vezes. E eu rio em todas elas.

Alan – Então essa inspiração vem do seu bom humor?

Dom Giovanni – É. Do meu bom humor a da inteligência que o meu pai me deixou. Meu pai era muito inteligente, mas eu já passei da inteligência do meu pai, assim como outra pessoa, filha minha, vai passar da minha inteligência, porque isso chama-se gene.

Jéssica Welma – Dom Giovanni, o senhor lembra qual foi o primeiro objeto que o senhor recriou para colocar na barraca?

Dom Giovanni – A primeira coisa que eu pensei em fazer putaria aqui foi aquele banco que ela (*Aline Conde*) sentou.

Jéssica Colaço – Tem algum objeto que o senhor tenha um carinho maior, aqui na barraca?

Dom Giovanni – Não, não. Todos eles têm o mesmo carinho.

Jéssica Welma – E como foi que o senhor começou a fazer as apresentações?

Dom Giovanni – Minha filha, aqui eu botava uma banda lá de Cascavel, botava um rapaz de Quixeramobim (*município do Sertão Central cearense*), chamado Montini, que tocava ali...

Jéssica Welma – (*interrompendo...*) Dom Giovanni, mas eu gostaria de saber sobre a sua apresentação dos objetos.

Dom Giovanni – (*interrompendo...*) É aí



que eu vou chegar. Eu botava ele aqui para tocar. E, quando eu chegava aqui, o guia dizia: "Giovanni, pede para parar um pouco lá (*o show*)". A gente pedia para parar. A Ypióca botou aqui o Azeitona (*cantor*) de graça. Todo domingo tinha aqui. Pedia pro Azeitona parar. As palavras foram ficando mais fáceis. Você vê que eu não gaguejo. É lógico que a gente decora de tanto falar. Eu saí daquela metodologia para não interromper a coisa e eu tenho de formatar as palavras, porque, senão, para mim não perde o sentido, mas para quem está ouvindo perde o sentido, porque não tem lógica.

Alan – Algum cliente já ficou ofendido com alguma brincadeira feita aqui na barraca?

Dom Giovanni – Nunca. E aqui tem marido que já botou para eu fazer um autógrafo nas costas da mulher dele. Porque ele vê que não tem maldade.

Jéssica Colaço – E alguém já ofendeu o senhor com comentários sobre a barraca?

Dom Giovanni – Minha filha, já, mas não por conta da barraca. Esse fato ocorreu há uns 20 dias atrás. Eu cheguei na Prainha (*praia do litoral cearense*). (*la entrar*) um cara que é filho do Leôncio, que é o dono do restaurante mais antigo que tem lá. E eu sempre me dei bem com ele. Vendo publicidade para ele, me encontro com ele na feira da Messejana. Eu parei lá e disse: "Cara, onde é que fica as 13?". É uma rua que se você entrar, lá, é do posto de saúde da Prefeitura. Ele perguntou o que eu ia fazer e eu disse que ia prestigiar. Porque o prefeito (*Edson Sá*) ti-

A maior parte da equipe foi até Barro Preto numa Kombi fretada. A entrevista aconteceu no feriado de Corpus Christi à beira da praia. Jéssica Welma sugeriu que todos voltassem lá outro dia apenas para aproveitar o mar.

Um dia antes da entrevista, Alan sugeriu a todos que evitassem ir para a entrevista com calças ou sapatos, devido à areia da praia. Como brincadeira, Aline comentou: "Alan viu personal stylist."

O início da entrevista demorou um pouco, pois Dom Giovanni chegou atrasado. Apesar da espera, ele fez questão de apresentar a Energia Erótica antes do início da conversa.

na feito uma grande administração e tal. Ele se tocou: "Rapaz, você está indo por motivo de interesse." E eu: "Rapaz, não é interesse não. É porque eu sou funcionário da Prefeitura e eu não sou hipócrita de não reconhecer isso e não ir prestigiar o prefeito". Ele disse: "Você vai por isso. Você faz uma barraca daquela, cheia de coisas que não têm nada a ver"... Porque está com 19 anos (*a barraca*). E lá na Prainha tem um cara que tentou fazer um trabalho como esse. Chama O Artista. Só que não tem mobilidade o que ele faz. As peças colocadas lá não dizem nada. Bota calcinha de mulher pendurada. Bota camisinha usada pendurada lá. E ele veio aqui quando os políticos fretavam o ônibus, para fazer uma excursão em algum lugar para conseguir votos. Só que as coisas que ele fez lá não deram sustentabilidade nenhuma, porque ele tentou fazer me imitando.

Jéssica Colaço – E além de fazer brincadeira com as outras pessoas, o senhor retrata também pessoas famosas. Por exemplo, tem a Glória Maria (*ex-apresentadora do Fantástico da Rede Globo*). Ali, tem uma referência à Carla Perez (*ex-dançarina*). Como é que fica a questão da utilização da imagem dessas pessoas? Esses artistas ficam sabendo? O senhor já teve algum problema com eles?

Dom Giovanni – Não, nunca tive nenhum problema com eles, mesmo porque eles devem entender como uma honra, porque não está denegrindo. A única hipótese é que, se tiver negro aqui, eu não faço a Glória Maria. Porque pode ser interpretada como racial, mas na verdade ela não é bem morena? É um pau queimado! Uma vez passaram aqui e disseram: "Giovanni, eu passei ali, rapaz, e tem um negócio que eu acho que dá bem certo para você". Quando foi mais tarde, eu fui lá e era um pau queimado.

Vandecy – Dom Giovanni, como é que faz para conservar o local, aqui? O senhor falou que tinha uma árvore, que um pau estava

"Eu descrevo (a barraca) como uma molecagem organizada do estado do Ceará. Não tem termo mais preciso para descrever"

Aline foi contemplada com a brincadeira do banco. A produção tem certeza de que a experiência ficou marcada para sempre na vida dela. Vale lembrar que Jéssica Colaço também já havia passado pela mesma brincadeira.

quebrado, que invadiram. Como o senhor faz para manter seguro?

Dom Giovanni – Rapaz, você está vendo que está cheio de cara aí. Essas pessoas gostam de sarapatéu, de buchada, de panelada, dessas coisas (*comidas típicas do Nordeste*). Porque a arte é seletiva. Não são todos os jovens que estão aqui, como vocês, uma hora dessas. Têm outros que estão fazendo mil e uma coisas, até que não prestam. Mas vocês estão aqui. Mas se tiver ali 20 carros, tem 40 pessoas...

Alan – (*interrompendo...*) Mas como o senhor conserva esse material?

Jéssica Colaço – (*interrompendo...*) A estrutura da barraca?

Vandecy – (*interrompendo...*) Para não quebrar?

Dom Giovanni – Rapaz, dificilmente chega alguém aqui com a finalidade de ficar tocando nas coisas. Daí eu tenho colocado uma mensagem ali. Não sei se vocês viram a mensagem: "Solicitamos aos amigos não tocar nos objetos. Em breve eles serão feitos em Braille (*linguagem desenvolvida para deficientes visuais*)". Aí pode pegar (*risos*). Eu faço as minhas tiradas: "Deixe de ser burro, entre!". Porque tem muita gente que fica parada lá (*na entrada*). Havia um deputado federal chamado Iranildo Pereira. A gente chama "cabreiro", que é desconfiado. Lá no Aquiraz, a gente falava: "Iranildo, vamos lá naquela barraca". "Você vai que eu vou lhe levar lá. Deixe de ser preconceituoso" (*disse o Dom Giovanni*). Eu sentindo que ele vinha, eu botei assim: "Deixe de ser burro, entre, deputado Iranildo Pereira". Mas eu botei atrás, né? De um lado era o correto e do outro era o "Deixe de ser burro, entre, deputado Iranildo Pereira". (*A placa*) ainda está esperando por ele para ele vir aqui.

Alan – Dom Giovanni, aqui tem muito material reutilizado, que você acha na praia, em outros locais. Em algum momento a Vigilância Sanitária chegou e reclamou pela...

Jéssica Colaço – (*interrompendo...*) Pelo estado dos objetos?

Dom Giovanni – Não, não.

Vandecy – Por se tratar de um estabelecimento que serve comida e, ao mesmo tempo, estar no mesmo espaço desses materiais que são reciclados?

Dom Giovanni – Mas a cozinha é lá dentro. (*Dom Giovanni mais uma vez se desvia da pergunta e se lembra de um oportunidade que teve a convite do Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae) de mostrar um pouco da Energia Erótica numa apresentação em Fortaleza. Ele ainda destacou que a melhor entrevista que já concedeu foi dada à Séphira Filizola no dia*

desse evento. Na época, ela era apresentadora da emissora TV União).

Aline – Dom Giovanni, a gente vai falar um pouquinho da mídia mais na frente. O senhor afirmou que o jornalista Hélio Eudoro, da revista Veja, de Porto Alegre, o definiu como artista. Você se considera um artista?

Dom Giovanni – Rapaz, todos nós somos artistas. Uns mais criativos, outros, menos criativos. Mas todos nós temos algo a ver com a criação. Eu me sinto com facilidade de criar. E uma grande facilidade de ligar algo visual a outro. Aqui eu já chamei uma pessoa de Mano Menezes (*técnico de futebol que atualmente comanda a seleção brasileira*) e todos que estavam com ele depois viram como parecia. E já tiveram vários casos desses. Eu estou com dificuldade, aqui, de fazer analogia com uma mulher que só tem uma banda (*parte do rosto*). E eu sei que tem uma figura assim.

Alan – Dom Giovanni, para você passar esse novo significado desses objetos para as pessoas é preciso ter lábia?

Dom Giovanni – Tem de ter como disse o Stepan Nercessian (*ator e deputado estadual no Rio de Janeiro*): “Faustão, eu já vou fazer uma sociedade com ele, porque ele é o 171 maravilhoso do Ceará”.

Juscelino – E de onde é que vem essa lábia? Vem da época de vendedor?

Dom Giovanni – Também, também. Eu sou um excelente vendedor. Eu vendo até ilusão. (*risos*)

Jéssica Welma – De onde vem o nome “Dom Giovanni”?

Dom Giovanni – Dom foi porque disse-ram que eu tinha uma lancha aqui que ia me encontrar com um navio de drogas, no mar, para trazer drogas para vender. (*Como*) meu nome é Giovanni, que é italiano, queriam me associar à máfia. Don Corleone (*personagem da máfia italiana retratado no filme O Poderoso Chefão*). Meu nome inicial era Giovanni Pappini Costa Cavalcante, mas depois foi suprimido o Pappini, porque o tabelião lá pensava que era brincadeira do meu pai (*risos*). Era um escritor italiano, que meu pai leu na Segunda Guerra Mundial, porque eu nasci faltando quatro dias para 1946, que já era o final da guerra. O Montinni cantando essa música (*do Forró Maior*) dizia: “Essa vai para o meu grande amigo Dom Giovanni, o Xerife da Praia”. Melhorou demais. Dom Giovanni, o Xerife da Praia. Onde eu chego (*gritam*): “Xerife. Hoje eu fui na clínica lá (*Dom Giovanni tinha ido, antes da entrevista, em uma clínica de internação para dependentes químicos*), me atendeu um rapaz lá, e eu vi o quanto que eles têm uma educação mais refinada... Lá é de um rapaz chamado não sei

o quê Brandão. Ele era do Banco do Brasil de Cascavel. Nós nos conhecemos na nossa infância. Quando eu cheguei na clínica lá, liguei pro Brandão. Ligaram e ele: “Quem está falando?”. Eu disse: “É o Giovanni Cavalcante”. E ele: “Xerife.” Canoa quebrada, Itapipoca (*município a 100 km de Fortaleza*), onde eu for tem alguém que me conhece. Outra pessoa chamada Oliveira, que é gerente de uma empresa de transportes, que gosta muito de cantar... foi cantar e disse assim: “Essa aqui vai para o meu amigo Dom Giovanni, o Xerife da Praia, que prende, embriaga e solta!”. Aí foi que melhorou mais. (*Apesar da referência ao Don Corleone, Giovanni prefere que Dom seja escrito com M no final*).

Gabriela – Então foi o seu Oliveira que colocou o apelido de Xerife da Praia, que prende, embriaga e solta?

Dom Giovanni – Ele complementou. O primeiro botou o “Xerife”, e o segundo colocou o “Prende, embriaga e solta”. Meu carro não está mais adesivado não, mas o meu carro passou três anos adesivado com o meu retrato. Onde eu passava, na rua, o pessoal parava para bater retrato. Atrás, tinha lá: “Barraca Energia Erótica: raboraboraboarromba.nokoo.nãoberre” (*endereço eletrônico fictício da Energia Erótica*). Todo mundo falava disso. Se tivesse fazendo uma entrevista como aconteceu ali perto da Ypióca, o pessoal ficava no meio da rua, parava, tinha uma televisão lá.

Aline – Dom Giovanni, voltando um pouquinho aqui para a história do seu nome. No início, faziam relação à máfia. O senhor ficava incomodado?

Dom Giovanni – De jeito nenhum. Olhe, pode dizer tudo de mim, só não na minha frente.

Juscelino – E o senhor sabe quem foi que começou esse negócio de comparar com máfia ou surgiu no meio do vento?

Dom Giovanni – Sei lá quem foi. Nem quero saber, nem me interessa. Olha, respeitou a minha presença... Olha, ele é corno. Só não diga a mim.

“Rapaz, todos nós
somos artistas.
Uns mais criativos,
outros, menos
criativos. Mas todos
nós temos algo a
ver com a criação”

Durante a entrevista, Dom Giovanni chamava Maria Teresa várias vezes, fosse para trazer algo que ele tinha dito na entrevista, ou para prestar atenção aos clientes que estavam chegando à barraca.

Maria Teresa interrompeu também a entrevista para perguntar ao pai qual era a data do dia. Já aflitos pela possibilidade de descontinuidade da conversa, todos responderam em uníssono: “7 de junho”.

Em uma das vezes que ele a chamou, foi engraçado. Ela respondeu: "Ó, pai, preste atenção aí na entrevista e não se meta não". O riso foi contido, mas a vontade era de gargalhar, na hora.

Jéssica Colaço – E como foi que a mídia chegou até a Barraca Energia Erótica?

Dom Giovanni – Olha, isso é a coisa mais fácil do mundo. Quem primeiro fez uma matéria aqui, para televisão, chama-se Eveline Frota. Do núcleo da Globo. Ela disse assim: "Esta é uma barraca incrível. Fantástica mesmo. E se por algum desvio do destino (*alguém*) esqueceu o que é alegria, reaprende a sorrir aqui". Ela fez a matéria. Outras pessoas tomaram conhecimento. Vieram Eveline Frota, Ian Gomes (*TV Jangadeiro*) Botando Boneco (*programa da TV Diário*), Maísa Vasconcelos do Na Boca do Povo (*programa da TV Jangadeiro na época*), esses locais, né? Chegou no Faustão. Aquela de Sergipe, Renata Alves, aquela que sai procurando pelo Brasil. Ela gravou por oito horas aqui. E eu não tenho essa matéria. Não tem quem consiga na Record. Eu tenho as outras matérias, porque eu sabia que ia sair e eu mandei gravar. Mas essa que eu não sabia e saiu, todo mundo viu. Eu já fui convidado para ir para o Jô Soares. Eu disse que não podia ir porque o cenário era aqui. Fora daqui não adianta. Eu vou falar o que vocês não vão entender.

pessoa (*faz gesto com os braços, levantando um deles*) e na versão broacha, para reduzir, para evitar o priapismo (*ereção pós-morte*). Depois eu vou dizer para vocês o que é priapismo. Alguém deve saber, mas depois eu digo. Evitar o movimento circular, porque ele cria uma substância pastosa que entope o canudo e evita a sucção, ou seja, evita de você chupar. Então, para se evitar o movimento, você tem de tomar e ir balançando. Todo tempo desse jeito (*faz movimentos repetidos com a mão fechada, como se segurasse um copo, para cima e para baixo*). (*risos*) Quando chega isso na mesa, tudo o que eu disse é a pura realidade, mas tudo o que vocês botaram na cabeça é mera deformação da mente de vocês, que é completa e absolutamente recheada dessas...

Juscelino – O senhor já definiu a barraca. Agora como o senhor define o trabalho que é feito aqui?

Dom Giovanni – Rapaz, eu defino exatamente na sequência da molecagem. Muita gente vê de vários aspectos. Minha mulher, por exemplo, que já morreu, tudo que eu dizia ela achava graça. Ela era prima de uma

"Eu sou ejaculatoriamente precoce. Tudo o que eu digo, quero provar. Eu não minto. Nem para ganhar dinheiro"

"Ah, mas a gente mostra imagens" (*diziam*). Imagens são imagens. Imagens não têm mobilidade em termo de inteligência. Basta ouvir aqui, por exemplo. Você vê a fatalidade da imagem que é gerada de uma maneira e a pessoa vê de outra. Para você ver como a imagem trai. (*A partir daqui, Dom Giovanni esquece a pergunta e se empolga para mostrar uma invenção dele que é servida no cardápio*). Aqui tem uma bebida chamada O Pau do Burro. Black, Big and Thick, ou seja, Preto, Grande e Grosso. Então: "Dom Giovanni, o que é o Pau do Burro?". O pau do burro é uma bebida afrodisíaca – eu já abri o programa do Sebastião Belmino dizendo isso, na TV Diário... Eu vou perguntar e vou sair de perto. O Pau do Burro é uma bebida afrodisíaca feita com o mel do caju, limão e vodka Slova ou Ypióca. Servido em um copo que não foi projetado para ser copo, involucrado por uma camisinha, salientando uma glândula vermelha na parte posterior da camisinha, onde existe uma cicatriz para ejaculação precoce do coquetel, servida em duas versões: na versão truaca para trucar a

jornalista que vocês conhecem.

Juscelino – Ela quem?

Dom Giovanni – Maria Tereza. Ela era prima da Regina Marshall, que trabalha no Diário do Nordeste. Ela dizia assim: "Meu G", G de Giovanni. "Meu G, você é muito engraçado." Ela só vivia dizendo isso. Uma vez eu fui comprar um tênis lá na Arca D'Aliança (*loja de calçados*). Eu estava lá experimentando o tênis, fiquei em pé. Aí vinha entrando um casal com duas crianças na faixa de oito anos, nove anos. As crianças se soltaram do pai e da mãe, correram na minha direção e me abraçaram. (*Uma delas*) disse assim: "Você foi o melhor palhaço que eu já vi." Ela quis dizer humorista, né?

Alan – Dom Giovanni, a Energia Erótica também já foi reportagem do jornal Le Monde, um jornal francês. Como é que o Le Monde chegou até a Energia Erótica?

Dom Giovanni – É um cearense que trabalha lá. O nome dele é Marc Bullard Del Ever (*Dom Giovanni desconhece a grafia correta do nome e a produção não conseguiu encontrar na pesquisa*). Um francês que esteve

Dom Giovanni é bastante envolvido com os políticos de Aquiraz. Ele já se candidatou a vereador pelo PRTB (Partido Renovador Trabalhista Brasileiro), mas não conseguiu ser eleito.

aqui de férias.

Vandecy – Ele é cearense?

Dom Giovanni – Ele é cearense.

Vandecy – Foi para França?

Dom Giovanni – Não. Mora na França e estava em férias aqui no Ceará. Ele deixou escrito aqui: “O artista Dom Giovanni tem...” Não. Não é esse não. “Em Port Lligat (*pequena vila localizada na Espanha*), à beira do Mar Mediterrâneo, tem o bufão do surrealismo, Salvador Dalí (*pintor surrealista*). Em Barro Preto, à beira do Oceano Atlântico, tem Dom Giovanni, o xerife do surrealismo. Se para Dalí, a estação ferroviária de Perpignan (*cidade francesa*) era o centro do mundo, aqui (*Energia Erótica*) também é.”

Alan – E toda essa presença da mídia aumentou o movimento da barraca?

Dom Giovanni – Rapaz, por incrível que pareça, não aumentou. Aumentou foi o número de curiosos. Pessoas de fora. De manhãzinha, chegaram aqui dois caras do Paraná. Eu estava lá em casa, peguei o carro, corri para cá. “Rapaz, a gente veio aqui, porque nós já vimos isso na internet. Já vimos

barraca ia tomar?

Dom Giovanni – Minha filha, eu não tinha essa ideia, mas eu sei do que eu sou capaz. Se eu me meter em uma coisa, eu vou para fazer diferente.

Alan – A Energia Erótica traz algum lucro?

Dom Giovanni – Financeiramente não, mas eu recebo dinheiro porque tenho ela. (*Dom Giovanni recebe dinheiro de alguns patrocinadores com incentivo para a manutenção da barraca*).

Fernando – Acha que a localização dificulta essa questão de vir mais gente?

Dom Giovanni – Não. Não é a localização, porque tem muita gente que vai para a Sabiaguaba (*bairro de Fortaleza*) e lá o acesso não presta, não tem nada e é afastado de tudo.

Jéssica Colaço – Mas o que é que satisfaz mais o senhor? É quando vem alguém para conhecer a barraca ou quando vem alguém mesmo para consumir a comida que é vendida?

Dom Giovanni – Para conhecer a barraca. Aí me irradia uma espécie de manteiga no meu ego.



isso em programa de televisão. Como a gente veio aqui para o Ceará, nós viemos aqui.” Quer dizer, é desse jeito. Essas matérias na televisão não dizem onde é a barraca não, como chegar. Porque vai deixar transparecer que não é uma matéria jornalística, que é uma propaganda.

Jéssica Welma – Já vieram muitas pessoas famosas aqui. Teve alguém que o senhor já admirava de antes e veio aqui reconhecer o seu trabalho?

Dom Giovanni – Veio aqui um que hoje é prefeito de São Bernardo do Campo (*interior de São Paulo*) chamado Antônio Marinho. Mas ele é do PT. Eu já tenho má-vontade com quem é do PT. Fiz até uma matéria em que eu defini o PT como partido dos intelectuais que estudam, mas não trabalham. Dos trabalhadores que trabalham, mas não estudam e dos sindicalistas que não fazem uma coisa nem a outra.

Jéssica Colaço – Quando o senhor comprou a barraca e começou a fazer isso tudo, o senhor já tinha ideia das proporções que a

Alan – É essa satisfação de mostrar esse trabalho que faz o senhor continuar investindo na Energia Erótica?

Dom Giovanni – (*Confirma com um movimento de cabeça e acrescenta*) E em mim. Cada vez que nasce mais um fã desse aí, é mais um divulgador da barraca na praia. Quanto mais a pessoa tem cultura, mais eles divulgam. Outros vêm para achar graça, para rir. O jornalista Paulo Henrique Amorim disse: “Dom Giovanni, o que mais me impressiona no seu trabalho é que você, para fazer humor, não precisa pintar o rosto de palhaço, não precisa se vestir de mulher e muito menos de baitola.”

Vandecy – Como a barraca não dá muito lucro, o senhor acha que ainda vale a pena continuar?

Dom Giovanni – Vale, vale. Ora se não vale. Minha filha disse: “Papai, tudo o que você já quis na vida, você já teve. Venda esses imóveis que você tem para vender. Vá curtir a vida. Vá para o seu canto.” Ela me telefonou de São Paulo para me dizer isso.

Todos ficaram preocupados com a captação do áudio da entrevista, devido ao barulho de um carro de som que tocava músicas antigas de forró em frente à barraca ao lado.

Ao final da entrevista, Dom Giovanni nos pediu para avisá-lo quando a revista estivesse pronta. Ele quer inserir nosso projeto no livro que contará a história da Energia Erótica.

Havíamos combinado de, após a entrevista, almoçar na Energia Erótica, mas não lembramos por qual motivo – talvez pelo atraso no começo da entrevista – desistimos e voltamos para casa mais cedo.

“Você pode achar uma coisa muito melhor do que essa por aí fora. Mas pior do que isso aqui, eu garanto que você não encontra”

Eu (*digo*) não. Mas eu vivo isso aqui. (*Dom Giovanni se refere a Giovanna, sua primeira filha, que mora em São Paulo*).

Vandecy – Em algum momento o senhor já pensou em desistir? Acabar com a barraca?

Dom Giovanni – Não. Nunca. Eu só penso em cada vez (fazer com que) quem chegar aqui saia satisfeito, feliz, contente.

Jéssica Welma – A Maria Tereza (*filha adotiva de Dom Giovanni*) contou à produção durante a pré-entrevista que há alguns anos havia um cuidado maior com a barraca. O senhor concorda que isso tenha mudado?

Dom Giovanni – Concordo, porque ela já funciona por conta própria. Quando acontece alguma coisa aqui, na mesma hora eu recrio.

Jéssica Welma – Qual a dificuldade que o senhor sente em mantê-la?

Dom Giovanni – Não. Não sinto dificuldade. É porque eu acho que eu preciso de mais espaço.

Gabriela – O senhor vem todo dia para cá, Dom Giovanni? Para a barraca?

Dom Giovanni – Venho. Aqui é o seguinte. Tem uma placa lá: “Não estou, mas estou”. É só telefonar que eu venho. Eu posso estar onde eu estiver. Eu digo: “Olha, eu tô aqui na Dedé Brasil (*avenida de Fortaleza*). Demoro 35 minutos para chegar aí. Vocês ficam tomando uma cerveja ou um côco na outra barraca lá, que eu chego já aí. Tá certo? Tá certo.” E todos eles pagam. R\$ 20, R\$ 50, R\$ 10, R\$ 15.

Juscelino – Então o senhor mantém o mesmo cuidado com a barraca?

Dom Giovanni – O mesmo cuidado com a barraca. Principalmente com o valor dela.

Juscelino – É porque quando a gente conversou com a Maria Tereza, na pré-entrevista, ela falou isso que a Welma disse. Há cinco anos, por exemplo, o cuidado que o senhor mantinha com a barraca era maior.

Dom Giovanni – Porque eu abria todo dia. Hoje, eu não abro todo dia. Só sábado e domingo. Abro todo dia só se alguém interessado quiser.

Aline – E por que o senhor não a abre todo dia?

Dom Giovanni – Porque é como se eu estivesse desperdiçando algo que pudesse fazer noutro canto. Eu vou é escrever para o meu jornal.

Alan – O senhor não abre todo dia porque quer fazer algo além de cuidar da barraca?

Dom Giovanni – Não há necessidade de eu estar o dia todinho aqui.

Vandecy – O senhor falou no discurso de apresentação que vai lançar em breve um livro. Esse livro vai contar a história da barraca?

Dom Giovanni – O livro que eu não escrevi e a história que eu não contei. Quem vai contar são essas pessoas (*ele aponta para as placas colocadas nas paredes da barraca com depoimentos de alguns visitantes*). São mil pessoas, duas mil pessoas que deixaram escrito (*algo*) aqui.

Vandecy – O senhor oferece algum livro para eles escreverem?

Dom Giovanni – Já encheu. Lá tem essa do Marcel Duchamp. Vai sair tudo no livro. Quando tem pessoas em que a letra é um tanto quanto ilegível, foi digitalizado. Metade do livro está pronto. A prefeitura (de Aquiraz) já autorizou. A capa vai ser a Skolástica (*personagem criado pelo comediante cearense, Antônio Fernandes*).

Vandecy – Uma caricatura, né?

Dom Giovanni – Uma caricatura que vai sair no livro. Ele não fez com essa intencionalidade. Ele fez para deixar a impressão dele escrita no tempo. Aquilo (*a caricatura*) aproveitei para ser a capa do livro.

Aline – Dom Giovanni, às vezes, o senhor se confunde com a própria barraca. Mas o que é que essa barraca significa para o senhor?

Dom Giovanni – Minha filha, essa barraca veio coroar, veio fechar com chave de ouro a minha passagem aqui na Terra. Isso aqui é uma coisa que não presta e eu vim provar que até do que não presta, a gente pode fazer uma coisa prestar e ser interessante, ser procurado.

Jéssica Colaço – E o senhor já pensou em como teria sido sua vida sem a barraca?

Dom Giovanni – Minha vida sem a barraca teria acontecido de qualquer maneira. Eu inventaria qualquer coisa.

Alan – Na barraca, existem muitos elogios acerca da importância da Energia Erótica para o Ceará. Mas, para o senhor, qual a importância da barraca para a cultura e para o turismo cearense?

Dom Giovanni – Infelizmente, (*existem*) pessoas que teriam condição (*de nos ajudar*) porque disseram que iam fazer, (*mas*) não

Na volta da entrevista, Fernando Wisse, Jéssica Colaço e Ronaldo Salgado foram para casa, mas o restante da equipe foi almoçar no shopping Benfica. Saímos da praia para comer fast food.

fizeram. Lá está uma ali. Bismarck Pinheiro Maia, diretor de Cultura e Turismo do Estado do Ceará. Ele botou ali "Ciao, Dom Giovanni. Sua criatividade o faz referência em Aquiraz. O point hoje é local. Com a Ritelza, vai ser nacional." E não foi. *(Ritelza Cabral, filiada ao PCdoB, é a ex-prefeita de Aquiraz).*

Alan – Então, o senhor sente falta de um maior apoio?

Dom Giovanni – *(Sinto falta)* do reconhecimento e de uma tiragem de proveito do que existe. Por que é que uma barraca dessa *(aponta para a barraca ao lado)* ou aquela ali pode crescer em termo artístico para o Estado do Ceará? É mais uma barraca. Quem tiver mais dinheiro, faz melhor. Quem tiver condição de divulgar no Diário do Nordeste, divulga. Quem tiver condição de botar no jornal O Estado, divulga. Mas na verdade o que ele vai vender é a mesma coisa. Lá tem peixe, tem camarão, tem isso aqui. Na outra, a mesma coisa. O que um faz, todo mundo faz. Não sai do trivial caseiro. Tudo é a mesma coisa. Uma para se destacar, faz uma piscina. Beach Park *(famoso parque aquático instalado em Aquiraz)* é uma cópia piorada de Orlando *(há um parque aquático em Orlando, nos Estados Unidos, o Sea World)*. Eu saí numa revista europeia. Tem a minha foto. Eu mostrando a barraca. O título da matéria em que eu tô lá é "O xerife da irreverência." Quer dizer, os de fora veem com uma visão melhor e com mais conteúdo do que os daqui. *(Dom Giovanni se equivocou ao chamar Bismarck Maia de diretor. Ele é, na verdade, o titular da Secretaria de Turismo do Ceará).*

Alan – Então, o senhor acha que o Ceará não reconheceu seu trabalho como deveria ter reconhecido?

Dom Giovanni – Não, reconheceu. Só em a pessoa ser barraqueiro e não ser chamado de barraqueiro já é um grande elogio.

Juscelino – Mas a gente pode dizer que a Energia Erótica e o Dom Giovanni colocaram Barro Preto no mapa?

Dom Giovanni – Isso foi o jornal Gazeta do Povo *(que disse)*, do Paraná. Deixa eu pegar aqui no carro para vocês verem.

Todos – Não! Depois o senhor mostra.

Dom Giovanni – Sabe o que é? Eu sou ejaculatoriamente precoce *(risos)*. Tudo o que eu digo, quero provar. Eu não minto. Nem para ganhar dinheiro.

Aline – Qual foi a melhor coisa que a barraca já trouxe para o senhor?

Dom Giovanni – Foi o reconhecimento.

Aline – Então, com a barraca, o senhor ficou famoso?

Dom Giovanni – Fiquei famoso. As portas se abriram. "Me dão" as coisas. "Me dão" *(repete com mais ênfase)*. Ora!

Jéssica Welma – O senhor destaca o fato de que já conseguiu atingir pessoas de fora da localidade do Barro Preto, mas não as pessoas daqui. Qual a falta que o senhor sente delas virem até a Energia Erótica?

Dom Giovanni – Nenhuma falta.

Jéssica Welma – O senhor tem algum trabalho que as incentive a vir?

Dom Giovanni – Minha filha, ele *(Juscelino)* citou o que já saiu. "Barraca coloca Barro Preto no mapa." Se você sair de Fortaleza, não tem uma placa dizendo *(onde é)* Barro Preto. Tem Iguape, tem Prainha, tem Batoque, Canoa Quebrada. Mas Barro Preto não tem nenhuma. *(refere-se às praias que se localizam nas proximidades)*

Juscelino – E por que o senhor acha que não tem essas indicações?

Dom Giovanni – Falta de ação por parte da Prefeitura e da Secretaria de Cultura e Turismo daqui. Quando me chamaram para fazer parte da Secretaria da Cultura, o prefeito disse assim: "Giovanni, eu botei o senhor lá e tal. Não se preocupe, porque o salário depois eu aumento mais. Agora eu quero que você apareça sempre lá, que é para o pessoal não dizer... Faça alguma coisa." Eu fiz três projetos. Num desses projetos, eu fiz uma maquete viva. Eu fiz "Domingo é dia de

Ao voltar para casa, o pai do Alan disse que eles já tinham visitado a Energia Erótica várias vezes durante a infância. Alan, porém, não se lembrava de nada.



Após transcrever cerca de meia hora de entrevista, no dia seguinte, o computador do Juscelino não ligava mais. Havia perdido todo o arquivo. Sete horas de trabalho jogadas no lixo.

No mesmo dia, com o problema do computador, foram seis horas de trabalho ininterrupto e os 50 minutos de entrevista pelos quais ficara responsável foram transcritos de uma vez. Pausa só para o Facebook.

pescaria.” Porque todos nós gostamos de pescaria. Se tem uma pescaria aqui no Batoque, o pessoal vai tudo para lá. Vem gente de todo canto. Quando tem aqui no Barro Preto, dá duas, três mil pessoas. Eu fiz *(um balanço de)* quantas mil pessoas passam pela CE-040 *(rodovia que corta o Ceará)*. Eu liguei para o Dnocs *(Departamento Nacional de Obras Contra as Secas)*. Falei com a piscicultura para “peixar” o açude. *(A partir daí, Dom Giovanni cita diversas outras ações pensadas por ele para trazer contribuições para o turismo de Aquiraz)*.

Jéssica Welma – Nenhum desses projetos foi valorizado?

Dom Giovanni – Nenhum.

Vandecy – Qual o seu vínculo lá na Secretaria?

Dom Giovanni – Eu sou divulgador cultural e artístico daqui de Aquiraz.

Vandecy – Mesmo estando lá dentro, você afirma que não tem apoio da Secretaria nem da Prefeitura?

Dom Giovanni – Eu não vi nem ninguém me disse, mas eu tiro as conclusões. Uma daquelas senhoras que estava com vocês quando vieram pela primeira vez aqui, entrou lá na Secretaria. *(Uma vez)* ela disse: “O que seria uma pauta para a gente fazer uma visita aqui?” Cada uma disse uma coisa. Só não falaram na barraca.

Alan – Então não existe nenhum incentivo ao trabalho da Energia Erótica feito pela Secretaria de Turismo e Cultura de Aquiraz?

Dom Giovanni – Atualmente está existindo uma aproximação do secretário *(Eric Vasconcelos)* comigo, porque ele quer o apoio meu aqui. Ele mandou fazer o livro, comprou uma página na revista que vai sair. Mas eu sinto que até as próprias pessoas lá da Prefeitura nunca vieram aqui. Muitas vêm. As pessoas que vêm lá de Sobral. É cheio de gente lá de Sobral, na Prefeitura. É o tal de

“Eu tive sorte, diferentemente de outras pessoas, de ter passado pelo tempo da internet. Ela *(Energia Erótica)* não vai morrer nunca por conta disso”

No processo de edição, Juscelino foi à casa do Alan. Ele ficou surpreso ao descobrir que Alan sabia cozinhar, mas percebeu que era apenas um quitute pronto. Bastava colocar no forno.

clientelismo cruzado. Os daqui botam lá e os de lá botam aqui. Mas eu não sinto que para eles isso aqui faça diferença. Como dizia o negro chamado Genésio: “Cavalcante”, meu pai. “Que graça tem em a gente dançar com a mulher da gente?” Papai *(dizia)* “Rapaz, dançar com a mulher da gente é o mesmo que estar comendo inhamé. Não tem gosto de nada.”

Aline – Como o senhor chegou à Secretaria? Foi por causa do trabalho aqui na barraca?

Dom Giovanni – Foi. Eu fui da outra administração também, mas eu trabalhei lá cinco meses. Nessa daí agora, eu fui convidado. O prefeito *(Edson Sá)* é muito amigo desde 67.

Alan – Sua filha, Maria Tereza, já falou se tem vontade de dar continuidade ao trabalho desenvolvido aqui na barraca?

Dom Giovanni – Nem que ela tenha, ela não faz. Porque é impossível a pessoa copiar uma coisa dessa.

Alan – O senhor acha que o trabalho feito aqui é único e não tem alguém que possa fazer parecido?

Dom Giovanni – Não tem no mundo. Você pode achar uma coisa muito melhor do que essa por aí fora. Mas pior do que isso aqui, eu garanto que você não encontra.

Vandecy – Não há nenhum projeto para, no futuro, a barraca continuar?

Dom Giovanni – Não. Não tem. O maior futuro é dizer que ela não vai existir.

Jéssica Welma – Tem algum projeto aqui na barraca que o senhor ainda queira implantar?

Dom Giovanni – Minha filha, isso surge. Não pode ser programado. Quando acontece alguma coisa e há a viabilidade de funcionar, vai. E agora? O que vai acontecer? Eu já tô vendo que eu vou continuar na Prefeitura, porque quem vai assumir é o genro do Patriolino Ribeiro, da TV Cidade. Vai ser ele, o prefeito, e ele já pediu para eu me filiar ao partido dele. Eu me filiei na mesma hora sem saber que ele seria o prefeito. Mas eu tinha certeza que ele era uma das pessoas que tinham mais condição, porque ele sabe passar a mão na cabeça das pessoas. É muito vaselina!

Alan – Mas o senhor queria que fosse dada continuidade a esse trabalho?

Dom Giovanni – Queria não. Porque, em vez de pelo menos continuar o que era, vai degenerar. Eu tive sorte, diferentemente de outras pessoas, de ter passado pelo tempo da internet. Ela *(Energia Erótica)* não vai morrer nunca por conta disso.

Aline – O Dom Giovanni é sem dúvida a principal atração da barraca Energia Erótica? Mas quem é Giovanni Costa Cavalcante,

além da barraca?

Dom Giovanni – É um cara brincalhão. É um cara bem humorado, apesar de não parecer. É um cara moleque. Eu nasci no Icó (*município cearense*) e o Icó é cheio de moleques. Pense numa cidade para ter gente engraçada. (*Dom Giovanni se desvia da pergunta ao se lembrar da valentia de um conterrâneo*).

Alan – O senhor tem uma filha que mora em São Paulo, a Giovanna. A outra filha, Maria Tereza, casou e não está morando com o senhor. O senhor se sente solitário?

Dom Giovanni – Não. Pelo contrário. Eu me sinto eu mesmo me acompanhando. Não me sinto solitário em nada.

Jéssica Welma – Tem alguma coisa na sua vida que gostaria de realizar e ainda não realizou?

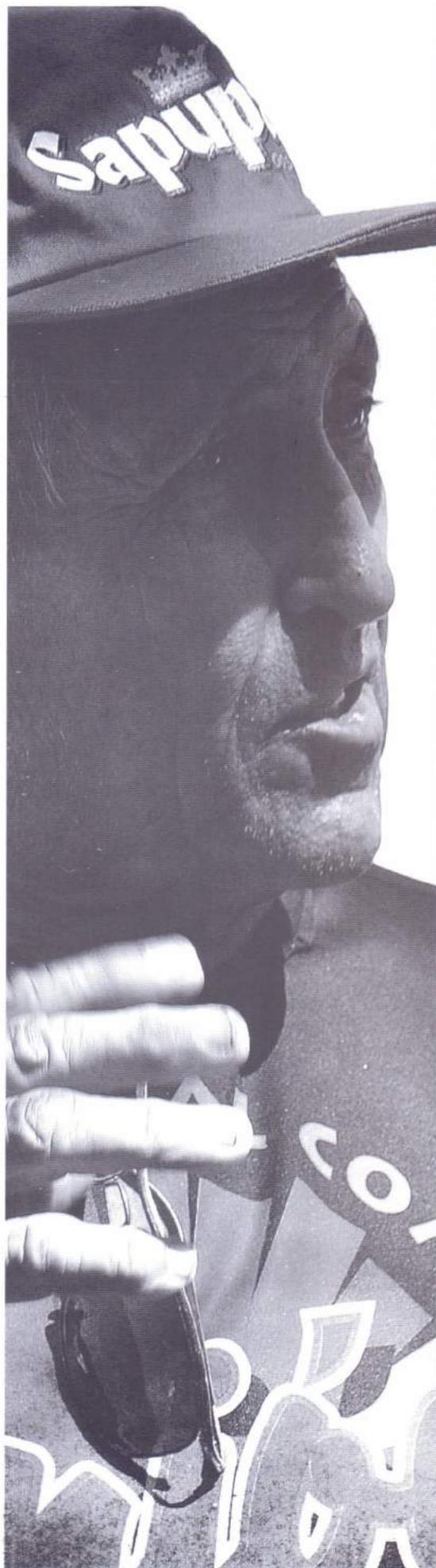
Dom Giovanni – Não, porque você é feliz quando você realiza o que é possível realizar. Se você botasse “Rapaz, eu queria casar com a Vera Fischer”, você nunca ia conseguir realizar, né? Então, nunca pensar em coisas que são inexecutáveis. E eu nem penso. Elas acontecem.

Fernando – O que o senhor quer passar para os clientes que vêm para a Energia Erótica?

Dom Giovanni – Eu quero passar, acima de tudo, que tudo que é feito com inteligência tem o seu valor.

Juscelino – Quando a gente conversou com a Maria Tereza, em pré-entrevista, ela sugeriu uma pergunta para a gente fazer para o senhor. A pergunta é a seguinte: o senhor se considera hoje uma pessoa feliz?

Dom Giovanni – (*Balança a cabeça para dizer que sim*) E vou ser mais ainda. Porque como disse (*Bismarck Maia*) “O point hoje é local. Com a Ritelza, vai ser nacional.” Já é, embora em proporções que não fossem as proporções ideais para o que foi feito. Aqui tinha um artista chamado Zé Pinto. Já ouviu falar? Zé Pinto fazia a arte com ferro. Mas ele pegava e soldava uma peça com a outra para formar a imagem. Eu trabalho com a imagem que é formada pela natureza. A pedra que é em formato de uma bunda. Então, há uma diferença. Muita gente quer me comparar com o Zé Pinto. Mas não dá para comparar, porque o trabalho dele é um. E o meu é outro (*Zé Pinto foi entrevistado na edição nº 4 da Revista Entrevista. Já faleceu*).



Alan e Juscelino estavam muito preocupados, pois os dois trabalharam no final de semana que antecedia o prazo final para a entrega da edição da entrevista.

No fim da história, ficou a vontade de retornar, um dia, para Barro Preto e aproveitar mais da barraca, da praia, da areia, do descanso, do Sol e de toda a alegria e receptividade do Dom Giovanni.